

DOI: <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11i63p5476-5487>

A atuação do coletivo feminista Marielle Franco e o impacto na saúde mental de suas integrantes durante a pandemia da COVID-19

The performance of the feminist collective Marielle Franco and the impact on the mental health of its members during the COVID-19 pandemic

El desempeño del colectivo feminista Marielle Franco y el impacto en la salud mental de sus miembros durante la pandemia del COVID-19

RESUMO

Objetivo: Analisar o impacto das ações realizadas no Coletivo Feminista Marielle Franco para a promoção da saúde mental de universitárias durante a pandemia da COVID-19. **Método:** Tratou-se de uma pesquisa-ação realizada com discentes dos cursos de Enfermagem e Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Os encontros do Coletivo aconteceram de forma remota de abril a junho de 2020. Para coleta dos dados utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada, e analiticamente o modelo categorial temático proposto por Bardin. **Resultados:** Emergiram como categorias-temáticas: 1. Perspectivas apontadas sobre gênero na vivência do Coletivo Feminista durante a pandemia da COVID-19; 2. A atuação do Coletivo Feminista durante a pandemia da COVID-19 e sua articulação com a saúde mental das integrantes. **Conclusão:** As ações do coletivo desenvolvidas de forma remota durante a pandemia foram exitosas ao oportunizar um espaço acolhedor às demandas das estudantes, promovendo a saúde mental e a formação de uma rede de apoio para as mulheres.

DESCRIPTORIOS: Feminismo; COVID-19; Estudantes.

ABSTRACT

Objective: To analyze the impact of the actions carried out at the Feminist Collective Marielle Franco to promote the mental health of university students during the pandemic of COVID-19. **Method:** It was an action research carried out with students from the Nursing and Psychology courses at the Federal University of Campina Grande (UFCG). The Collective meetings took place remotely from April to June 2020. A semi-structured interview script was used for data collection and analytically the thematic categorical model proposed by Bardin. **Results:** The following emerged as thematic categories: 1. Perspectives pointed out about gender in the experience of the Feminist Collective during the COVID-19 pandemic; 2. The performance of the Feminist Collective during the COVID-19 pandemic and its articulation with the members' mental health. **Conclusion:** The collective actions developed remotely during the pandemic were successful in providing a space that was welcoming to the demands of the students, promoting mental health and the formation of a support network for women.

DESCRIPTORS: Feminism; COVID-19; Students.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el impacto de las acciones realizadas en el Colectivo Feminista Marielle Franco para promover la salud mental de los estudiantes universitarios durante la pandemia de COVID-19. **Método:** Se trata de una investigación realizada con estudiantes de los cursos de Enfermería y Psicología de la Universidad Federal de Campina Grande (UFCG). Los encuentros Colectivos se realizaron de forma remota de abril a junio de 2020. Para la recogida de datos se utilizó un guión de entrevista semiestructurado y analíticamente el modelo temático categórico propuesto por Bardin. **Resultados:** Surgieron como categorías temáticas las siguientes: 1. Perspectivas señaladas sobre género en la experiencia del Colectivo Feminista durante la pandemia de COVID-19; 2. La actuación del Colectivo Feminista durante la pandemia de COVID-19 y su articulación con la salud mental de las integrantes. **Conclusión:** Las acciones colectivas desarrolladas a distancia durante la pandemia tuvieron éxito en brindar un espacio acogedor a las demandas de los estudiantes, promoviendo la salud mental y la formación de una red de apoyo a las mujeres.

DESCRIPTORIOS: Feminismo; COVID-19; Estudiantes.

RECEBIDO EM: 28/12/2020 APROVADO EM: 11/01/2021

Maria Eduarda Amorim Isidro Lins

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG- PB.
ORCID: 0000-0001-8271-7635

Giovanna Raquel Sena Menezes

Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG- PB.
ORCID: 0000-0001-9059-0347

Priscilla Maria de Castro Silva

Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (PPGENF/UFPB), Mestre em Enfermagem pelo PPGENF/UFPB. Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela FIP. Bacharela e Licenciada em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), atualmente é docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (CCBS/UFCG).
ORCID: 0000-0002-0344-8367

INTRODUÇÃO

Com o cenário da propagação da Coronavírus Disease 2019 (COVID-19), doença infectocontagiosa identificada inicialmente na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, o mundo começou a enfrentar inúmeros desafios devido a sua alta capacidade de contágio e um número alarmante de infecções, levando a ser caracterizada como uma pandemia em março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS).¹ Diante disso, medidas de precauções tiveram que ser tomadas pelos governos e organizações, os países tiveram que adotar medidas como o isolamento social, fechamento de escolas, universidades e diversas instituições públicas e privadas.²

A pandemia da COVID-19 tem passado por todas as áreas da vida coletiva e individual da população, sendo assim, houve também um reflexo no âmbito da saúde mental.³ Levando em consideração os estudantes universitários, foi demonstrado que, como as alterações ocorreram de forma muito rápida, este fator pode ter gerado dificuldade na adaptação dos discentes, com esta ruptura brusca, visto que as aulas tiveram que ser suspensas, possibilitando o sofrimento psíquico.²

Ademais, faz-se necessário refletir sobre as diversas interseccionalidades que atravessam as discussões de gênero, pois apesar da pandemia atingir uma imensa parcela da população, as pessoas mais afetadas pelas consequências destes vírus apresentaram atravessamentos de gênero,

raça e classe, o que recaiu, sobretudo, nas mulheres, negras e pobres, que foram as mais atingidas pelas consequências da pandemia. Outro fator agravante, sobretudo em momentos de crise, é a contestação dos direitos das mulheres, invisibilizando e vulnerabilizando essas mulheres a uma precarização de seus trabalhos, a uma jornada subumana de atividades em casa e, se inseridas no contexto universitário, a demandar organização para as atividades acadêmicas.⁴

Cabe enfatizar, que o contexto em que as mulheres estão inseridas, possui peculiaridades que não são aplicadas aos homens, devido à opressão de gênero presente na sociedade, pois uma sociedade patriarcal engessa e define os comportamentos de gênero, atribuindo privilégios sempre aos homens, as mulheres, desde que nascem, são convencidas que devem fazer de tudo pela família e pelo amor, essa devoção se torna uma forma de amenizar as violências e opressões sofridas, pois elas acabam aceitando tudo por um “bem maior”.⁵ Sendo assim, essas estudantes enquanto mulheres são atravessadas por diversas questões no ambiente doméstico, como cobranças com a realização de atividades domésticas, necessidade de cuidar de algum familiar e dificuldade de conciliar os horários de aulas remotas ou de estudos com as demandas da casa.

A relevância do Coletivo Feminista foi constatada através da busca pela formação de uma rede de apoio e de cuidado entre as universitárias, com ações voltadas à quebra da hegemonia de dominação e opressão

machistas sobre as mulheres, visto que a universidade, como qualquer outra instituição inserida no espaço social, pode perpetuar padrões culturais que reafirmam opressões.⁶ Objetivou-se no estudo analisar o impacto das ações realizadas no Coletivo Feminista Marielle Franco para a promoção da saúde mental de universitárias durante a pandemia da COVID-19.

Como hipótese da pesquisa apontou-se que a continuidade dos encontros do coletivo durante a pandemia potencialmente conduziria ao fortalecimento das discentes, ao compartilhamento de estratégias de cuidado nas ações com contribuições significativas na saúde mental e no empoderamento dessas mulheres.

MÉTODO

O presente trabalho configurou-se como de natureza qualitativa assumindo o caráter de pesquisa-ação, este tipo de pesquisa caracteriza-se como um método que possibilita a intervenção, gerando mudança no meio em que a pesquisa é desenvolvida.⁷ Dito isto, nessa pesquisa foi estabelecida uma relação ativa entre pesquisadora e participantes e juntas desenvolveram soluções para problemática detectada na pandemia de COVID-19.

Este estudo foi um recorte de uma pesquisa desenvolvida no Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) da Universidade Federal de Campina Grande, executado no período de 2019 a 2020. No geral, esta pesquisa foi desenvolvida em 3 fases, que foram: 1. Re-

alização de uma entrevista semiestruturada antes da criação do Coletivo Feminista; 2. Criação do Coletivo Feminista e desenvolvimento das rodas temáticas de conversa e 3. Aplicação de entrevista semiestruturada após a criação do Coletivo Feminista.

A pesquisa adotou os seguintes critérios de inclusão: 1. Ser mulher (cis ou trans) ou se reconhecer mulher; 2. Ser estudante regularmente matriculada em um dos três cursos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande do campus de Campina Grande (CCBS/UFCG); 3. Identificar-se com a temática abordada no projeto. Já o critério de exclusão para as participantes foi: 1. Ter abaixo de 18 anos.

Na sua primeira fase, a pesquisa iniciou-se com a participação de trinta estudantes, sendo elas dezesseis alunas do curso de Enfermagem, uma do curso Medicina e quatorze do curso de Psicologia, a faixa etária das participantes variou de 18 anos a 26 anos. Em sua segunda e terceira fase, em decorrência da pandemia da COVID-19, houve uma evasão de dezenove estudantes, restando três alunas do curso de Psicologia e oito do curso de Enfermagem. Essa desistência das discentes foi caracterizada pela dificuldade em manter uma vinculação virtual com a pesquisa, visto que não seria possível continuar com o contato presencial.

Com isso, os encontros do Coletivo no ano de 2020 foram realizados de forma remota, de abril a junho, através de uma plataforma digital de videochamadas, o Google Meet. O Coletivo Feminista Marielle Franco possui encontro quinzenais, cujas temáticas são sugeridas pelas participantes, possibilitando a representatividade nos diversos temas abordados e uma troca de saberes entre elas, fator muito importante quando se leva em consideração a interdisciplinaridade existente na academia. Diversos temas foram discutidos, como: Pandemia da COVID-19; Mulheres e Saúde Mental; Saúde Mental e Gênero; Feminismo Negro; Relacionamento abusivo, dentre outros.

A técnica adotada para coleta de dados foi através de entrevistas semiestruturadas

realizadas antes e depois das rodas temáticas de conversa. A primeira entrevista foi realizada no CCBS/UFCG, os locais para realização das entrevistas foram escolhidos pelas próprias participantes, para que se sentissem mais confortáveis, como por exemplo uma sala de aula. Em decorrência do isolamento social, a segunda entrevista foi realizada através de uma plataforma digital, esta foi de escolha das participantes. Tanto na primeira quanto na segunda fase as entrevistas foram gravadas.

O roteiro de entrevista semiestruturada da primeira fase contou com seis perguntas acerca da motivação para participar de um coletivo feminista, as dificuldades de ser mulher na sociedade e as expectativas envolvidas. Já no roteiro da segunda fase foram realizadas oito perguntas sobre as vivências dentro do coletivo, a relevância das temáticas abordadas, a vinculação acadêmica através desse processo e a relação desses fatores com a saúde mental, abrangendo inclusive a experiência dos encontros do coletivo durante a pandemia.

Em decorrência das respostas à essas entrevistas surgiram diversas categorias de análise. Todavia, este artigo analisa apenas os coletados pela segunda entrevista semiestruturada, mais especificamente os das questões relativas à contribuição do coletivo para a saúde mental das discentes e aos encontros desenvolvidos remotamente devido à pandemia. Escolheu-se para análise dos dados a “Análise de Conteúdo” de Bardin⁸ que trabalha explorando o material escrito, avaliando os discursos. Após a implementação, gravação e transcrição das entrevistas, fez-se uma leitura flutuante do texto e depois uma exploração mais detalhada do material, determinando a unidade de registro.

A pesquisa só foi realizada depois da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Alcides Carneiro - UFCG - Campina Grande através da CAAE: 19244919.1.0000.5182. Cada participante leu e assinou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujas informações sobre todas as etapas da pesquisa e seus riscos e benefícios foram descritos. A confidencialidade das parti-

cipantes foi garantida, foram utilizadas letras e números para identificá-las, colocou-se a inicial do curso e um número para cada participante de acordo com a ordem em que essa foi entrevistada, por exemplo, para uma discente de Psicologia que foi a quinta a ser entrevistada, foi atribuída a identificação P5.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados a partir de duas categorias, com a respectiva discussão acerca dos dados encontrados: 1. Perspectivas apontadas sobre gênero na vivência do Coletivo Feminista durante a pandemia da COVID-19; 2. A atuação do Coletivo Feminista durante a pandemia da COVID-19 e sua articulação com a saúde mental das integrantes.

Perspectivas apontadas sobre gênero na vivência do coletivo feminista durante a pandemia da COVID-19

Há um processo de apagamento das conquistas do movimento feminista desenvolvido pelo senso comum que serve como artifício do patriarcado para enfraquecer o mérito do movimento e restringir o empoderamento feminino, causando um afastamento e até mesmo um repúdio de muitas mulheres a integrarem na luta do movimento pelo fim das opressões sofridas. Como define Hooks⁹ o “Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”.

O desconhecimento acerca da importância do feminismo está presente em diversos âmbitos, perpassa a esfera privada dos indivíduos e persiste inclusive no meio acadêmico, que deveria ser um espaço de ampla formação política e social do sujeito, visto que na academia são disseminados discursos reducionistas e preconceituosos sobre o feminismo.¹⁰ Muitas universitárias podem vivenciar essa incompreensão sobre o movimento e distanciar-se do debate sobre gênero, fato evidenciado na fala da discente sobre a participação nos encontros do Coletivo Feminista durante a pandemia da COVID-19:

“Desafiadora, mas importante. No meio do caos todo, eu acabei vindo pra casa da minha mãe em outra cidade. Dizer pra ela que participava de um coletivo feminista e ia ter essas reuniões causou um espanto nela, assim como eu, ela também não sabia muito sobre o assunto.”(P1)*

Outra constatação relevante observada na fala da entrevistada P1 foi o retorno dessas discentes ao ambiente doméstico familiar, visto que muitos universitários necessitam do domicílio em outras cidades para desenvolverem as atividades acadêmicas presenciais, e com a suspensão destas e a possibilidade de serem executadas de forma remota colocam em face outro impasse desse período de pandemia: o regresso à casa dos pais/familiares por período de tempo indeterminado.

O ambiente doméstico é historicamente atribuído às mulheres como único lugar para manifestação dos seus interesses e das suas vontades, considerado ainda como um ambiente de menor prestígio social e de manutenção das relações desiguais

de poder entre a figura do homem e da mulher. Nesse sentido, culturalmente os papéis sociais dos homens e mulheres são definidos de acordo com o “binarismo estratégico”, este utiliza as diferenças biológicas para reafirmar e justificar as desigualdades sociais.¹¹ Esse ambiente também é passível de expressão de diferentes formas de opressão e de tipos de violência, já que toda forma de violência contra mulher está atrelada a relação de poder e ideia de subordinação das mulheres aos homens.⁵

Dessa maneira, o distanciamento social necessário durante a pandemia trouxe à tona inúmeros indícios do aumento da violência contra a mulheres em diversos países do mundo, incluindo o Brasil, durante esse período.¹² Este é um fator preocupante, pois demonstra que não há proteção para mulheres até na sua própria casa. Tal aflição foi indicada por uma participante da pesquisa, como pode ser observado abaixo:

“E também eu penso em relação ao

contexto de outras mulheres do coletivo que estão no lar de uma família muito arraigada ao patriarcalismo, ao machismo, a formas de opressão da mulher e de abuso também. [...] Por essas mulheres terem que estar em casa em tempo constante com outras pessoas que as oprimem ou que as fazem mal, eu acho que é muito importante o coletivo está nesse período de pandemia.”(E10)

As demandas resultantes das interações nesse ambiente doméstico disfuncional são contempladas e acolhidas nas ações do coletivo. A experiência dos encontros remotos possibilitou a proteção dessas estudantes não apenas no aspecto do sofrimento psíquico, mas também como uma ferramenta de suporte à manutenção da integridade física e mental das participantes através da confiança nessa rede de apoio formada. Situação ratificada na fala que segue:

“Esses encontros, ter esse contato pra mim é um dos pontos altos desse meu período dentro de casa devido a pandemia e já funciona também como uma proteção pra mim, né? Porque é um momento que eu realmente espero durante a semana que é o encontro do coletivo, o contato com as mulheres também pra mim são ferramentas de autocuidado também, né, porque eu me sinto fortalecida, eu posso também fortalecer outras mulheres, então isso é de uma importância inestimável pra saúde mental também.”(E12)

Esse discurso coloca em destaque a pertinência do apoio entre as mulheres no enfrentamento dos percalços impostos pelo machismo, pautado no termo Sororidade que foi cunhado pela escritora Kate Millet no final da década de 1960 como a união social entre as mulheres sem distinção de classe social ou de raça.¹³ A solidariedade política pode ser expressada pela sororidade, compartilhando o sentimento de sofrimento comum e o comprometimento na

luta contra a injustiça patriarcal.⁹ Essa vivência foi notada como repercussão do envolvimento nas atividades do coletivo feminista, segundo o relato da entrevistada E12:

“Encontrar esse espaço de acolhimento, de escuta, de troca de experiência, está cercada por mulheres assim tão fortes, tão presentes no coletivo, tem essa importância pra mim também, porque eu me fortaleço enquanto mulher, me fortaleço nesse período de instabilidade que a gente tá vivendo devido a COVID-19.”

Dessa forma, nota-se que a operacionalização do Coletivo Feminista Marielle Franco durante a pandemia da COVID-19 foi uma ferramenta essencial para oportunizar um espaço de acolhimento e fortalecedor para as discentes nesse momento de crise.

A atuação do coletivo feminista durante a pandemia da COVID-19 e sua articulação com a saúde mental das integrantes

A pandemia da COVID-19 trouxe diversas modificações na forma de viver em sociedade, as medidas tomadas durante este período, como a quarentena e fechamento de escolas e universidades, geraram a diminuição do contato direto entre os seres humanos, este fator configura-se como um agente estressor para saúde mental dos indivíduos.¹⁴ A discente P6 reforça com o pensamento descrito demonstrando que a pandemia do COVID-19 surgiu de forma inesperada e trouxe diversos sentimentos negativos, como pode ser observado abaixo:

“A gente não esperava que o coletivo tivesse que enfrentar esses encontros virtuais e tivesse que fazer isso dessa forma. A pandemia foi uma coisa que surpreendeu todo mundo mesmo e de um jeito bem negativo, porque estamos muito angustiadas. Enfim, a gente foi privada de muita coisa que a gente gostaria de estar vivendo, né?”.(P6)

A restrição de atividades diárias que antes eram comuns, mas que com a pandemia passaram a ser impossibilitadas, gerou diversos impactos na vida das pessoas, uma das consequências deste cenário foi a privação das atividades educacionais.¹⁵ Com isso, as instituições de ensino precisaram buscar estratégias que possibilitassem manter ativa parte de suas práticas, surgindo assim a necessidade da implementação de atividades de forma remota.

Essas atividades remotas partem da aplicação do uso das tecnologias de informação no meio acadêmico.¹⁵ Dessa forma, ocorre uma adaptação dessas tecnologias de acordo com a necessidade apresentada no meio no qual elas estão sendo inseridas. Apesar disto, muitas questões sociais e pessoais interferem e tornam-se obstáculos para que a aplicação dessas tecnologias ocorra de fato, abaixo duas alunas que fazem parte do Coletivo Feminista relatam as dificuldades encontradas para participarem das atividades deste grupo de forma remota:

“Eu não vou mentir que foi complicado pra mim, viu? Porque eu ainda não me adaptei muito bem a esse novo formato de aprendizado. [...] Mas eu entendo que é uma forma da gente se manter conectadas e que é uma questão que a gente precisa.” (P8)

“Às vezes foi um pouco complicado conseguir participar por questões de internet, pessoas em casa, mas apesar de tudo foram encontros incríveis com uma ótima energia mesmo que de forma remota.” (E11)

Nas falas acima pode ser observado que essa adaptação à nova realidade enfrentada não está sendo fácil, os estudantes precisaram ter uma adaptação dupla, devido ao isolamento social e as atividades remotas.¹⁵ Levando em consideração os possíveis resultados negativos que a pandemia poderia gerar, o Coletivo Feminista Marielle Franco decidiu dar continuidade as suas atividades de forma remota, como uma tentativa de garantir

um local que possibilitasse a partilha e cuidado, abaixo pode-se observar falas das estudantes relatando como se configurou esta experiência:

A restrição de atividades diárias que antes eram comuns, mas que com a pandemia passaram a ser impossibilitadas, gerou diversos impactos na vida das pessoas...

“Realmente tá sendo uma saída, pelo menos pra mim, pra poder tirar a mente da pessoa de tudo isso que tá rolando. Eu fico a semana toda pensando ‘meu Deus do céu, o coletivo é tal dia, espero que chegue logo’, porque é uma coisinha diferente na rotina, sabe? É algo que realmente, como eu disse, todo mundo tá passando por isso, todo mundo se entende e a gente se acalma. [...] Continuar o coletivo remotamente tá sendo muito bom.” (E15)

“Eu acho muito importante que esses encontros foram realizados de forma remota, porque como a gente não pode se encontrar presencialmente, a gente tem uma forma de se apoiar, a gente constrói uma rede de apoio, mesmo que não seja fisi-

camente, mas socialmente a gente ainda está se reunindo.” (E9)

Dessa forma, faz-se necessário manter a vinculação entre os indivíduos para garantir um bem-estar biopsicossocial. A formação de uma rede de apoio está atrelada à convivência dos indivíduos, ou seja, esta rede será construída através das trocas afetivas e do compartilhamento de vivências, gerando empatia e respeito no grupo.¹⁶ No cenário atual da pandemia da COVID-19 a construção de uma rede de apoio configura-se como uma ferramenta importante para o cuidado da saúde mental, a consolidação desta rede para as estudantes do CCBS/UFMG deu-se através do Coletivo Feminista Marielle Franco, pode-se observar a relevância do seu funcionamento durante a pandemia na fala abaixo:

“Foi importante participar nesse momento e compartilhar as vivências, as angústias que o momento causou/causa. Discutimos assuntos que atravessam nosso dia a dia, a ansiedade causada pelo momento, é importante porque acabamos reconhecendo na fala uma da outra, sabemos que não estamos sozinhas.” (P1)

As dificuldades emocionais citadas pela aluna são características do momento vivenciado, uma revisão de estudos realizada sobre momentos de quarentena demonstra uma alta incidência de efeitos psicológicos negativos nas pessoas, estes por sua vez podem prevalecer por um longo período.³ Sendo assim, faz-se necessário atentar para uma área da saúde que muitas vezes é negligenciada: a saúde mental. Abaixo as alunas relatam o impacto do Coletivo Feminista no cuidado com a saúde mental de suas integrantes durante o período da pandemia da COVID-19:

“Tá sendo assim um bálsamo, porque eu tô vivendo momentos de muito estresse, de muita ansiedade e quando eu entro no coletivo é como se aliviasse, sabe? [...] O cole-

tivo é sempre muito leve, é sempre um espaço de fala, é sempre um espaço de você se coloca. [...] então, nessa quarentena tá sendo mil e um por cento de importância.” (P6)

“Então, a minha experiência com o coletivo durante a pandemia do COVID-19 foi muito positiva, foi fortalecedora, eu sinto que movimentou os meus dias nessa pandemia, que me fez refletir sobre muitas coisas e que me ajudou a buscar essa saúde mental.” (E10)

Com isso, observou-se que apesar das dificuldades decorrentes da pandemia da COVID-19, o Coletivo Feminista Marielle Franco configurou-se como uma ferramenta poderosa para o cuidado com a saúde mental de suas participantes, possibilitando a construção de uma rede de

apoio que gera escuta, partilha, vinculação e alivia as pressões existentes neste contexto de pandemia.

CONCLUSÃO

Tendo em vista o fato de que as mulheres foram as mais afetadas com o cenário de pandemia, devido à sobrecarga de funções no ambiente doméstico e o aumento da violência contra a mulher durante este período, fez-se necessário realizar estratégias de promoção e prevenção aos possíveis danos psíquicos que podem surgir em situações de crise, entre elas está a criação de um local que proporcione uma rede de apoio. Com isso, o Coletivo Feminista Marielle Franco buscou dar continuidade as suas atividades, mesmo que de forma remota, para garantir as suas participantes um

local acolhedor e de partilha, no qual elas poderiam expressar as dores e aprendizados ocorridos durante este período.

Contudo, uma das principais dificuldades durante a implementação das atividades remotas foi conseguir manter as participantes vinculadas ao grupo, visto que algumas estudantes tiveram dificuldades com o uso das tecnologias de informação, com obstáculos como a conexão com internet e a adaptação às plataformas virtuais. Ainda assim, conseguiu-se manter um grupo bastante ativo e a experiência com o coletivo nesse período demonstrou-se exitosa, promovendo o cuidado da saúde mental de suas integrantes. Cabe salientar que a presença de um Coletivo Feminista e a construção de pesquisas sobre gênero no meio acadêmico são formas de resistência e de assegurar a permanência das mulheres nesses espaços. ■

REFERÊNCIAS

1. OPAS/OMS. Folha informativa–COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). OPAS Brasil, 2020 [acesso em 31 ago. 2020]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>.
2. Maia BR, Dias PC. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. Estudos de Psicologia (Campinas). 2020; v. 37, e200067.
3. Lima RC. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. Physis: Revista de Saúde Coletiva. 2020; v. 30, p. e300214.
4. Mendes JDS. As mulheres a frente e ao centro da pandemia do novo coronavírus. Revista Brasileira de Cultura e Política em Direitos Humanos, 2020 [acesso em 05 de nov. 2020]; Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/announcement/view/467>.
5. Tiburi M. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 2018.
6. Homrich BS. Vivências feministas na universidade: A criação e atuação do coletivo “Mulheres Unidas nas Tecnológicas e Exatas”. Anais do XV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social, 2018 [acesso em 08 jan. 2021]; 15(1). Disponível em: <https://anais.eneds.org.br/index.php/eneds/article/view/444/403>
7. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas; 2010.
8. Bardin L. Análise de conteúdo. Edições 70, São Paulo; 2011.
9. Hooks B. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 2018.
10. Schmidt RT. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. Estudos Feministas, Florianópolis. 2006 [acesso em 03 nov. 2020]; 14(3): 272. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a11v14n3.pdf>.
11. Zanello V. Saúde Mental, Gênero e Interseccionalidade. In: Pereira MO, Passos RG. Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para reforma psiquiátrica brasileira. 1 ed. Rio de Janeiro: Autografia; 2017. p. 52-69.
12. Santos LL, Viegas LB, Teixeira ML, Oliveira RCM, Barbosa VVS, Reis LD. O isolamento social como gatilho para a violência contra mulheres na vivência de pandemia. Research, Society and Development. 2020; v.9, n.8, p.e719986104-e719986104.
13. Cámara J. Sororidad y conciencia femenina: qué hermandad de mujeres para qué propuesta política. Viento Sur. [S.l.], 09 ago. 2017 [acesso em 03 de out. 2020]. Disponível em: <https://vientosur.info/sororidad-y-conciencia-femenina-que-hermandad-de-mujeres-para-que-propuesta/>.
14. Schmidt B, Crepaldi MA, Bolze SDA, Neiva-Silva L, Demenech LM. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Estudos de Psicologia (Campinas). 2020; v. 37.
15. Vieira KM, Postiglioni GF, Donaduzzi G, Porto CS, Klein LL. Vida de Estudante Durante a Pandemia: Isolamento Social, Ensino Remoto e Satisfação com a Vida. EaD em Foco. 2020; v. 10, n. 3, e1147.
16. Juliano MCC, Yunes MAM. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. Ambiente & Sociedade. 2014; v. 17, n. 3, p. 135-154.